

*A* ARTE  
NARRATIVA  
NA INFÂNCIA:  
práticas para o  
teatro da leitura e a  
contação de histórias





Renata Junqueira de Souza  
Juliane Francischetti Martins Motoyama  
Valéria Santos da Silva  
Vania Kelen Belão Vagula  
(organizadoras)

ARTE  
NARRATIVA  
NA INFÂNCIA:  
práticas para o  
teatro da leitura e a  
contação de histórias

MERCADO®  
LETRAS

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

A Arte narrativa na infância : práticas para o teatro da leitura e a contação de histórias / Renata Junqueira de Souza...[et al.] (organizadoras). – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2015. Outros autores: Juliane Francischeti Martins Motoyama, Valéria Santos da Silva, Vania Kelen Belão Vagula.

Vários autores  
ISBN 978-85-7891-368-0

1. Arte narrativa – Técnica 2. Contos 3. Leituras 4. Narrativa (Retórica) 5. Professores – Formação 6. Teatro (Literatura) I. Souza, Renata Junqueira de. II. Motoyama, Juliana Francischeti Martins. III. Silva, Valéria Santos da. IV. Vagula, Vania Kelen Belão.

15-05775 CDD-809.923

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Contadores de histórias : Arte narrativa : Retórica 809.923

*capa e projeto editorial:* Vande Rotta Gomide  
Revisoras: Kenia Adriana de Aquino Modesto Silva  
Margareth Dias Kanthack Paccini

*Obra em acordo com as novas  
normas da ortografia portuguesa.*

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®  
VR GOMIDE ME  
Rua João da Cruz e Souza, 53  
Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116  
Campinas SP Brasil  
www.mercado-de-letras.com.br  
livros@mercado-de-letras.com.br

1ª edição  
**AGOSTO/2015**  
IMPRESSÃO DIGITAL  
IMPRESSO NO BRASIL

---

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.  
É proibida sua reprodução parcial ou total  
sem a autorização prévia do Editor. O infrator  
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.



## SUMÁRIO

Prefácio

EDUCAÇÃO LITERÁRIA É COISA SÉRIA? QUANDO A  
LITERARIEDADE E A NARRATIVIDADE RESSOAM NAS  
PRÁTICAS DE ESCUTA E LEITURA NA INFÂNCIA 7

*Cyntia Graziella Guizelim Simões Giroto*

Parte 1

QUEM CONTA UM CONTO AUMENTA UM PONTO

FOI ASSIM QUE ME CONTARAM, FOI ASSIM  
QUE TE CONTEI: DIÁLOGOS E REFLEXÕES  
SOBRE A NARRAÇÃO DE HISTÓRIAS 17

*Valéria Santos da Silva*

BATEU NUMA PORTA, ABRIU UMA JANELA,  
QUEM SABE OUTRA HISTÓRIA NÃO FICA BANGUELA:  
TÉCNICAS DE CONTAR HISTÓRIAS 27

*Juliane Francischeti Martins Motoyama*

ALICE QUE FOI PARA O PAÍS DAS MARAVILHAS E  
NÓS FOMOS JUNTOS: O CIRCUITO LITERÁRIO COMO  
PROPOSTA LÚDICA NA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS 29

*Taisa Andrade de Souza Silva Ribeiro*

A MÁGICA DAS SOMBRAS: O TEATRO EM CENA 37  
*Edna Mara da Silva de Souza*

A LITERATURA ORAL NA SALA DE AULA:  
TRABALHANDO A NARRAÇÃO DE CONTOS  
E CAUSOS A PARTIR DA SIMPLES NARRATIVA 41  
*Izabele Dias dos Santos*

É SÓ SENTAR QUE A HISTÓRIA JÁ VAI COMEÇAR:  
TAPETES PARA CONTAR E ENCANTAR! 47  
*Simônica da Costa Ferreira e  
Juliane Francischeti Martins Motoyama*

BRINCANDO COM O MOVIMENTO: USO  
DO RECURSO FLANELÓGRAFO 51  
*Paula Cristina Dantas dos Santos*

Parte 2

E VIVERAM FELIZES PARA SEMPRE?

UM CONVITE AO TEATRO DA LEITURA:  
HISTÓRIAS PARA LER BRINCANDO 57  
*Vania Kelen Belão Vagula,  
Renata Junqueira de Souza e  
Ana Laura Garro dos Santos*

SCRIPTS PARA O TEATRO DA LEITURA 67  
*Renata Junqueira de Souza*

BIBLIOGRAFIA 85

SOBRE AS AUTORAS 89





# Prefácio

Educação literária é coisa séria?<sup>1</sup> Quando a literariedade e a narratividade ressoam nas práticas de escuta e leitura na infância

Um meio promissor de apresentar o novo livro do grupo do CELLIJ é atentar para seu subtítulo “*práticas para o teatro da leitura e a contação de histórias*”. E assim, convidamos o leitor a perguntar junto de nós: Como esses temas se articulam, na escola contemporânea, dirigidos à formação de crianças leitoras? Como aproximá-las do universo da cultura escrita, mediante o ato de ler, contar e entreter? Como criar a necessidade, o desejo e o interesse pela leitura da literatura infantil?

Começemos pela formação de crianças leitoras. Um clichê pedagógico desgastado, diríamos, pode ser, porque antigo no discurso ou pseudodiscurso de professores, pesquisadores, governantes mediante documentos oficiais, no entanto, tão emergencial. Urgência constatada por avaliações externas e internas, por pesquisas diversas, inclusive as pelo CELLIJ realizadas, porém também sentida e, muito, por pais e pelas próprias crianças.

‘Treinadas’ que foram, a utilizar o ouvido, para compreender (pela leitura oralizada cotidianamente na escola, via a ‘tradução do professor’, de um enunciado da Matemática, uma questão da História ou da Geografia, uma problematização das Ciências etc.), sentem-se incapazes de atribuir sentidos ‘por si mesmas’, independentes do olhar, da voz, da performance do educador, ou seja, de maneira autônoma, durante a leitura silenciosa, como o leitor experiente o faz diante de um texto escrito.

---

1. Inspirando-se no texto da professora Dra. Suely Amaral Mello “Brincar é coisa séria” (2001-mimeo).

Não são raras as ocasiões em que solicitam do professor (durante uma prova escrita, um exercício avaliativo...) um auxílio denotativo das armadilhas pedagógicas, que tropeçamos e, na grande maioria das vezes, caímos, na condição de professores, ao priorizarmos a oralização, a locução, acreditando estar em processo de “ENSINAR A LER”: ‘Prô, leia pra mim? Não tô entendendo aqui.’; ‘Ah, o que será que essa pergunta do livro fala, será que é pra fazer continha de mais ou de menos? Tenho dúvida professora’; ou exclamam indignadas “Não é justo professora, se tivesse me explicado... puxa...podia só ter lido uma veizinha pra mim na prova, eu não tinha errado não”, “Isso não vale, parece até pegadinha, porque não pode ajudar?, pô sempre lê pra gente, quando a gente não sabe, até passa a resposta na lousa!”.

Parece mesmo uma ‘pegadinha’, na linguagem das maiores, porque as crianças são ‘expostas’ e/ou a elas são oferecidas apenas possibilidades mais diretamente relacionadas às práticas de leitura oralizada, ou às práticas da decifração, e, muito raramente, às situações promotoras do desenvolvimento infantil dirigidas à formação de leitores mirins – a uma prática da leitura silenciosa, na busca pelos sentidos possíveis que um texto, no caso (o polissêmico por natureza) o literário, possa oferecer em seus diversos gêneros: a poesia, os contos clássicos, os textos de tradição popular, o teatro... Práticas, portanto, não vinculadas em essência a essa formação, todavia, mais restritamente à formação de ouvintes.

Se ler e contar histórias contribui para a apropriação do ato de ler, como prática histórica e culturalmente constituída; e, ainda, se o ato de oralizar agrega-se também a este propósito, há de se pensar nas implicações pedagógicas decorrentes, uma vez que estão mais relacionadas à formação dos ouvintes, do que a dos leitores.

No entanto, nesta obra, ressalta-se não somente o valor da leitura/contação de histórias e do teatro como atividade dramática e cênica, sobretudo para o leitor em constante formação, principalmente o leitor professor, que ao compreender e encantar-se com tais processos, tem aberto canais de percepção da leitura e do teatro como uma unidade produtiva – ou seja, uma unidade de sucesso no tateio das vivências literárias junto às crianças. Se esta unidade representa uma alternativa às dicotomias articuladas à formação de ouvintes X formação de leitores, é por nos assegurar contra os males de um mundo carente de sentimentos e emoções, de formação humana, enfim, de fruição da arte estético-literária.

Fundamentadas pela arte da literatura tão grandemente enaltecida por Antonio Cândido (2004, p. 176), que dizia que “trazendo em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, [ela, a literatura] humaniza em sentido profundo porque faz viver”, podemos afirmar que em todas as épocas, a Literatura sempre cumpriu um papel fundamental na transformação da

sociedade, porque influenciou as pessoas em suas singularidades e foram essas mesmas pessoas que constituíram e constituem a sociedade, posto que, como manifestação artística, a arte literária permite ao ser humano compreender melhor a realidade que o cerca e a si próprio.

Neste mundo cada vez mais violento e contraditório, no qual os recursos tecnológicos encurtam as distâncias geográficas, mas não conseguem humanizar, concordamos com o sociólogo, literato e professor universitário brasileiro, brilhante estudioso da literatura, de que o direito à Literatura é fundamental. Cândido afirma também que o direito à literatura deveria constar nos direitos humanos, pois é um bem essencial e, como tal, se constitui em uma necessidade universal:

[...] a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de *dar forma aos sentimentos e à visão de mundo* ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade. Em segundo lugar, a literatura pode ser um instrumento consciente de desmascaramento pelo fato de focalizar as situações de restrição dos direitos, ou de negação deles, como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual. Tanto num nível quanto no outro ela tem muito a ver com a luta pelos direitos humanos. (2004, p.186, destaques nossos)

Além disso, apoiadas em Umberto Eco, sob o peso vital de sua assertiva de que “a literatura mantém a língua em exercício e, sobretudo, a mantém como patrimônio coletivo”, percebemos a possibilidade de revivificar a linguagem pela alteridade, pela expressão-enunciação do outro posta nas obras literárias, bem como na narratividade do universo da cultura oral – por exemplo, nos textos de tradição popular –, solidificando o aprendizado e desenvolvimento da compreensão leitora de nossas crianças sob à égide desse patrimônio cultural.

Se a narrativa literária não se trata de simples cópia ou “recontagem”, ou mera “ficção” é porque tem como base a vida cotidiana em atualizações artísticas de valor inestimável, cujas razões teórico-metodológicas devemos ter em mente para não somente fazer escolhas acertadas das obras e histórias eleitas como essenciais ao trabalho diário com os pequenos e maiores, como também dos caminhos a guiar a vida prática na escola.

Na unidade leitura e teatro, a literatura reaparece com outra feição. O ato de ler emerge como necessidade, uma utilidade diante do desafio de criar a melhor performance da leitura oralizada endereçada ao outro-plateia, por exemplo, a outras crianças, aos pais, avós, comunidade escolar etc. – em uma viagem literária, num sarau, na hora da novela, numa feira literária...dentre tantos outros endereçamentos.

Com acuidade, esta obra mostra que as práticas para o teatro da leitura e para a leitura e contação de histórias tematizam o plural, o diverso; as múltiplas possibilidades de colocar-se por inteiro no jogo da compreensão, da fruição. Aqui o jogo torna-se metáfora de atividades literárias concebidas a um só tempo como elemento lúdico e conectivo-mental que emancipa o leitor mirim em formação, revoluciona o seu pensar, a sua personalidade e transforma a sua própria forma de ler em formação, de compreender, de posicionar-se no seu entorno. Suas ações mentais cada vez mais atingem patamares superiores, e, se o seu pensamento passa a não ser o mesmo, é justamente porque encadeia seu controle de conduta, sua atenção, memória, linguagem, representação... ações mentais postas no jogo das atividades literárias já não mais as mesmas.

Em meio a todos os capítulos, conversação literária emerge como imprescindível, já que ler, em essência é diálogo, é interlocução com os outros, ainda que este outro seja o próprio leitor que conversa em silêncio consigo mesmo, fazendo conexões com seu repertório prévio, com o seu conhecimento de mundo e textual; realizando inferências; visualizações; questionamentos; predições; sínteses provisórias; mobilizando estratégias cognitivas e metacognitivas para atribuir sentidos ao seu ato de ler.

Ler para compreender neste contexto, passa a ser atividade vital do aprendiz leitor; útil socialmente na busca pelo estatuto de leitor; produtiva no jogo da leitura (metáfora da ação/recepção literária) como elemento lúdico a evitar a indiferença, a descrença, o tédio, o individualismo. Toma-se o ler a palavra do outro, tornando-a sua, no processo de ler a si mesmo em sua identidade leitora, com liberdade – porque se a arte é libertária, tanto o teatro quanto a literatura são expressão, por excelência, de artes libertárias.

Ganha valoração e sentido ‘o ler para si’, em calma externa, sem movimentos da boca, todavia em tumulto interno, em rápido movimento dos olhos, ou não (de acordo com a fluência nessa atitude e capacidade de ler em formação), a percorrer as linhas do material escrito antes de ler para o outro. O para quê de uma prática social transvertida em escolarizada e tão cobrada, o genuíno ato de ler, mas tão pouco vivenciada no espaço escolar, fica desvendado para a criança, aprendiz de leitor.

Essa unidade teatro-leitura seria liberdade demais na escola, poderia ser representação de balbúrdia, indisciplina? Sonho demais na busca da humanização de nossas crianças?

Ao contrário, este livro aposta e acredita: pode ser, liberdade, sonho, humanização com disciplina, concentração e muito aprendizado e desenvolvimento infantil.



Cecília Meireles, poetisa brasileira das mais respeitadas, tão desconhecida do meio educacional, porque somente presa a clichês pedagógicos, a discursos vazios, em 1953, em um dos seus romances já nos disse: “Liberdade é uma palavra que o sonho humano alimenta, não há ninguém que explique e ninguém que não entenda”.<sup>2</sup>

E se podemos alimentar, entender e viver este sonho de vivências plenas da arte estético-literária, podemos estudar, planejar, implementar e ter realizado um sonho daqueles que se sonha acordado: crianças ouvindo de olhos abertos e brilhantes, encharcadas por um mar de narrativas, livros abertos e sugados em sua estética, por leitores sedentos de literariedade.

E é a mesma célebre poetisa quem nos lembra de uma prerrogativa importante: de que a literatura pode colaborar e muito para a emancipação humana, para “Acordar a criatura humana dessa espécie de sonambulismo em que tantos se deixam arrastar. Mostrar-lhes a vida em profundidade. Sem pretensão filosófica ou de salvação – mas por uma contemplação poética afetuosa e participante” (Meireles 1994, p. 80).

Em sua prosa poética ou em seus poemas, a seu modo, a notável escritora considera o homem na sua universalidade e envolvido com sua substância, considera-o em sua humanidade. E, se não há aspiração para o filosófico na sua literatura, diante da visão de um desatento, pode-se afirmar que, ao se voltar para a complexidade da realidade humana, sua representação, faz-se filosoficamente questionadora, levando-nos na condição de leitores a repensar, embasadas nos próprios escritos dessa autora, na luta pela infância e a militância pela educação.

Negar a literatura é negar a literariedade, cujas enunciações constituem-se no conjunto de elementos linguísticos e de valores que se configura e singulariza construído pela polissemia – condição essa que possibilita ao leitor apreender nas suas imagens, a vitalidade da linguagem poética.

Se a linguagem é constitutiva do pensamento, com poder transformador, por que negá-la a si mesmo? – questionamos aos professores leitores dessa obra – Por que negar o acesso à linguagem literária, em seu mais alto nível de elaboração e qualidade estética, às crianças com as quais tem o seu fazer do dia-a-dia, por vezes cansativo e desmotivador?

---

2. Depois do Romance 85, em *Romanceiro da Inconfidência*, Cecília Meireles, traz a *Fala dos Inconfidentes*. Estrofes do qual retiramos o trecho explicitado acima: [...] *Cavalo de La Fayette saltando vastas fronteiras! / Ó vitórias, festas, flores! das lutas da independência! / Liberdade – essa palavra, / que o sonho humano alimenta: / que não há ninguém que explique, e ninguém que não entenda! / E a vizinhança não dorme: / murmura, imagina, inventa. / Não fica bandeira escrita, / mas fica escrita a sentença.* [...] (Meireles 1989, p. 106, grifos nossos).

Nesta obra, composta em 8 capítulos, tais pressupostos, cuja presença atravessa todo o livro, presentificam-se em proposituras derivadas da apropriação genuína de referenciais teórico-práticos da área, oferecendo uma base instigante para a formação de crianças leitoras, em uma linguagem direta, objetiva e norteadora ao professorado. O fato do conjunto da obra resultar de muitas vivências de alunas do mestrado e do doutorado, bem como da graduação, preocupadas com o cotidiano das práticas, sendo parte delas já professoras em exercício, aproxima autoras e prováveis leitores: o professorado.

O texto introdutório de autoria de Valéria Santos da Silva valoriza a narração de histórias, convidando o leitor-professor a resgatar sua trajetória pessoal, reavivando suas memórias, para delas fazer emergir o que foi lido e contado, dando à criança que aí habita a oportunidade de mover, comovendo-se na narratividade. Valoriza, ainda, as bibliotecas escolares, como espaço difusor e disseminador de cultura literária e da multiplicação dos contadores de histórias, a partir de sua criação na educação formal. Enaltece a sua relevância, ainda que indiretamente, na formação de crianças leitoras, e dos novos contadores que surgem dia a dia.

Relembra o fato de que se faltam tantos materiais na escola, há de haver caminhos. Para a autora a narração é uma forma de vivência artística plena que podemos oferecer às crianças, precisando apenas de nossa voz e muito empenho – posto que a habilidade de contar histórias não nasce conosco. E, se tudo é aprendido, podemos fatalmente aprender a ser contadores no espaço educacional em que atuamos, todavia, tal aprendizado não dispensa de planejamento e estudo do texto em que a narrativa se encontra: entender o enredo, identificar a introdução, o clímax e o desfecho. Se isso é fundamental, porém não é suficiente. Precisamos primeiro de profunda identificação com a narrativa.

Valéria não se omite, ainda, de diferenciar a narração oral (o contar) da leitura em voz alta, destacando quais seriam as melhores narrativas destinadas a essas duas práticas socialmente constituídas. Vale destacar a preocupação da autora com as vivências como as essenciais para o salto qualitativo dessas práticas. Desse ponto de vista, o capítulo é assim nomeado *Foi assim que me contaram, foi assim que te contei: diálogos e reflexões sobre a narração de histórias*.

Na sequência, o texto *Bateu numa porta, abriu uma janela, quem sabe outra história não fica banguela: técnicas de contar histórias*, configura-se como uma introdução aos demais, na medida em que, Juliane Francischetti Martins Motoyama, guia o leitor-aprendiz de narrador de histórias para a força do aquecimento, da introdução e do fechamento nesse processo, entremeados por diferentes técnicas circunscritas na narratividade e prementes de serem



trabalhadas com o pequeno ouvinte e leitor em constituição – a criança da educação básica.

Taísa Andrade de Souza Silva Ribeiro, no terceiro capítulo, conceitua circuito literário com precisão e objetividade, inicialmente abordando-o mediante a metáfora do tabuleiro. De modo inventivo e didático a autora é capaz de enredar o leitor- professor na compreensão expressiva desta técnica. Utiliza-se, para tanto, de um clássico da literatura infantil e faz a exemplificação de todo um caminho metodológico com o livro *Alice no país das maravilhas* de Lewis Carroll (2015). Além disso, apresenta critérios para a seleção de livros que possam destinar-se ao Circuito Literário.

Para focar uma arte milenar chinesa, o teatro de sombras, Edna Mara da Silva de Souza, mediante o texto *A Mágica das Sombras: o teatro em cena*, destaca o resgate de um equipamento subutilizado nos dias de hoje no espaço escola: o retroprojeter (superado por novas tecnologias) como ferramenta para a organização desta técnica, cujas silhuetas projetadas, facilmente podem ser provenientes de ilustrações contidas no próprio livro escolhido para ser narrado, que por sua vez são xerocopiadas e depois recortadas para dar forma ao personagem/cena a ser apresentada.

Já Izabele Dias dos Santos, com o capítulo intitulado *A literatura oral na sala de aula: trabalhando a narração de contos e causos a partir da simples narrativa*, foca a mais antiga, tradicional e autêntica expressão do contador de histórias. Fascinante historicamente, a simples narrativa responsabiliza-se pela vitalidade desta ação, que dispensa qualquer recurso, até mesmo roupas, penduricalhos, maquiagem, ornamentos etc. Aqui performance, voz e gestos, incumbem-se de enaltecer a narratividade, mantendo a sobriedade. Ao salientar que as histórias não veem prontas para serem contadas, a autora, vem na defesa dos contos de tradição oral, cuja estrutura direta, garante a sua apresentação ‘quase’ de pronto. Isso em oposição à grande parte das narrativas contemporâneas que necessitam de adaptações, como: supressão de trechos, inclusão de onomatopeias e músicas, simplificação da linguagem, adequação à idade do público-ouvinte, tudo para dar um tom de equilíbrio e harmonia ao ato de contar.

É só sentar que a história já vai começar: tapetes para contar e encantar, por Simônica da Costa Ferreira e Juliane Francischeti Martins Motoyama, recobra de um mito grego o uso da tapeçaria para narrar, evidenciando, como nos capítulos anteriores, a exemplificação por meio de histórias. Se redondos, triangulares, meia lua, ovais, retangulares, uma ou outra dimensão, dependerá da história eleita e de seus ouvintes, pois o formato deve atender, como os demais aspectos, ferramentas e técnicas da arte de contar, vislumbrar considerar as necessidades dos ouvintes, bem como cativá-los, nesse processo.

Na mesma direção, Paula Cristina Dantas dos Santos diz-nos sobre a construção e uso do flanelógrafo na arte de dizer o texto ao outro ou contar

histórias, ancorada no capítulo que tematiza o assunto, intitulado *Brincando com o movimento: uso do recurso flanelógrafo*.

*Um convite ao teatro da leitura: histórias para ler brincando*, de Vania Kelen Belão Vagula, Renata Junqueira de Souza e Ana Laura Garro dos Santos, explicita uma técnica pouco conhecida e utilizada nos meios escolares, o teatro da leitura, “read theatre”, calcado em textos literários, como uma das práticas de leitura em voz alta que mais podem contribuir para a formação do leitor mirim. Os professores passam a perceber a riqueza do teatro da leitura quando e se, paulatinamente, permitem-se ao próprio tateio experimental junto com as crianças, pois esta técnica oferece motivação para que elas queiram ler o texto repetidas vezes, sozinhas, silenciosamente para, depois, apresentar uma boa performance ao seu interlocutor-ouvinte. São oito histórias já traduzidas e adaptadas para este fim. Vale conferir. As crianças passam a agradecer, antecipadamente, pois vão adorar e se encantar com esta possibilidade que você professor, nosso leitor aqui, pode ofertar em classe.

Cecília Meireles é aquela que também diz “Mas a vida, a vida, a vida. A vida só é possível reinventada” (Meireles 1972, p. 94). Remete-se à ideia de metamorfose de tudo... assim, dizemos a todos e a nós mesmos: metamorfoseemo-nos nesse movimento do literário na escola, porque a infância literária é coisa séria; o “teatro da leitura” é coisa séria; a prática de ler e contar histórias é coisa séria!

Enfim, na defesa dessa essência única – teatro e leitura – em múltiplas manifestações nos caminhos a trilhar dentro do grande labirinto da educação e da infância por vezes díspares, jamais podemos esquecer daquilo que também a célebre poetisa educadora, assinalou sobre a conduta dos educadores da infância. Para Meireles, ser educador é:

[...] ter o coração para se emocionar diante de cada temperamento. E ter imaginação para sugerir. E ter conhecimentos para enriquecer os caminhos transitados. E saber ir e vir em redor desse mistério que existe em cada criatura, fornecendo-lhe cores luminosas para se definir, vibratilidades ardentes para se manifestar, força profunda para se erguer até o máximo, sem vacilações nem perigos. Saber ser poeta para inspirar [...] (Meireles 1930, p. 7)

Que possamos adquirir alma de poetas na primavera literária junto às crianças e possamos muito inspirá-las, conhecendo-as e reconhecendo-as em ideais educativos caros à infância, porque “Fora do outono, nem as aspirações amadurecem (Meireles)”. Boa leitura! Boa motivação e inspiração na/para/com a formação de nossas crianças leitoras.

*Cyntia Graziella Guizelim Simões Giroto*